

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijui

ÉTICA, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: O PROBLEMA DA JUSTIFICAÇÃO MORAL NA TEORIA FREUDIANA¹
ETHICS, PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION: THE PROBLEM OF MORAL JUSTIFICATION IN FREUDIAN THEORY

Emanuele Tamiozzo Schmidt², Mariane Henz³, Vânia Lisa Fischer Cossetin⁴

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento de Humanidades e Educação, pertencente ao Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio e ao Grupo de Pesquisa Teorias Pedagógicas e Dimensões Éticas e Políticas da Educação

² Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, bolsista PIBIC/UNIJUI, emanuele.schmidt@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, voluntária, marianehenz@hotmail.com

⁴ Professora Doutora do Departamento de Humanidades e Educação, Orientadora, vania.cossetin@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vincula-se ao Projeto de Pesquisa “Educabilidade, moralidade e justificação: perspectivas éticas para a formação humana”. Seu principal objetivo é estudar a relação possível entre ética, psicanálise e educação, particularmente a partir das teorizações freudianas a respeito da constituição moral. O intuito é verificar em que medida a questão da moralidade problematizada pela psicanálise pode contribuir para pensar os processos formativos humanos, especialmente, na contemporaneidade.

Para tanto, dois importantes textos de Freud foram estudados: “Totem e tabu”, para explicitar a origem da religião e da moralidade, trazendo a internalização da lei, pelo mito da Horda Primeva, bem como do surgimento da culpa; e “O Mal-estar na Civilização”, para conceituar os termos civilização e cultura e suas implicações nas relações humanas e sociais, as quais se dão a partir de um supereu da cultura.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho bibliográfico, compreendendo leitura, análise crítico-hermenêutica e sistematização das obras psicanalíticas de Sigmund Freud: *Totem e Tabu*, e *O Mal-estar na Civilização*, bem como de comentadores relativos aos temas da ética, da moral, da psicanálise e da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em sua obra *Totem e Tabu*, Sigmund Freud - o pai da psicanálise - faz uma análise do tabu e do totem encontrando, neles, a origem e o sentido não apenas da sociedade, mas também da religião e da moralidade. Relembrando tribos de povos primitivos, Freud concebe o totem como a base de todas as demais obrigações sociais e restrições morais da tribo:

via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo o clã. [...] Os membros do clã, por sua vez, acham-se na obrigação, sagrada e portadora de punição automática, de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne (ou dele usufruir de outro modo). [...] são celebradas festas, em que os membros do clã representam ou imitam, em danças cerimoniais, os movimentos e as características de seu totem (FREUD, 2012, p. 19-20).

Quanto à definição de tabu, Freud revela haver duas direções opostas: “por um lado quer dizer “santo, consagrado”; por outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro” [...]. Assim, o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente” (2012, p. 42). E continua:

as restrições do tabu são algo diverso das proibições religiosas ou morais. Não procedem do mandamento de um deus, valem por si mesmas. [...] As proibições do tabu prescindem de qualquer fundamentação; têm origem desconhecida; para nós obscuras, parecem evidentes para aqueles sob o seu domínio (2012, p. 42-43).

A fim de ser ainda mais esclarecedor Freud relata a história fundante que teria ocorrido na horda primeva:

certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. (Talvez um avanço cultural, o manejo de uma nova arma, tenha lhes dado um sentimento de superioridade.) O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião (2012, p. 216-217).

Segundo esse pensamento, Freud nos revela que, assim, os irmãos satisfizeram seu ódio e obtiveram a identificação com o pai, mas ao se arrependerem, acabaram dando origem à culpa. Além disso, como nenhum dos dois filhos pode, de fato, tomar o lugar do pai, torna-se proibido matá-lo, conseqüentemente, em decorrência do ato, renunciam às mulheres então liberadas. “Assim criaram, a partir da *consciência de culpa do filho*, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo” (FREUD, p. 219, grifo do autor). Os desejos reprimidos do complexo são o de matar o pai e o de ter a mãe. Nisso tem-se a origem da moralidade: com a proibição do incesto surge uma forma de viver em sociedade. Freud aponta que “concluindo essa pesquisa extremamente abreviada, seu resultado seria que no complexo de Édipo reúnem-se os começos da religião, moralidade, sociedade e arte [...]” (FREUD, 2012, p. 238). Segundo ele, pela análise da psicologia dos povos, inclusive, é possível perceber como estes processos psíquicos passam de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

geração para geração.

Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud retoma o significado da palavra civilização, a qual descreve como sendo “[...] a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (FREUD, 2010, p. 48-49). Da mesma forma, aborda a questão da cultura, como sendo “[...] todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-o da violência das forças naturais etc.” (FREUD, 2010, p. 50). Percebe-se que esses dois termos se complementam, pois, quanto aos traços civilizatórios das relações humanas, Freud aponta que a cultura vem para organizar a sociedade. Caso isso não ocorresse, a forma de organização seria dada pelo domínio do mais forte fisicamente sobre os mais fracos. Nesse sentido, “tal substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é passo cultural decisivo [...]. Portanto, a exigência cultural seguinte é a da justiça, isto é, a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo” (FREUD, 2010, p. 57). Isso porque a “[...] a comunidade forma um Super-eu, sob cuja influência procede a evolução cultural” (2010, p. 116). Este Super-eu da cultura impõe severas exigências ideais aos indivíduos, tanto que seu não cumprimento gera punições mediante angústia de consciência.

As exigências concedidas às relações humanas, portanto, são designadas por ética. Para Freud, “em todos os tempos as pessoas deram enorme valor a essa ética, como se dela esperassem realização de particular importância. De fato, a ética se dedica ao ponto facilmente reconhecido como o mais frágil de toda cultura” (FREUD, 2010, p. 117-118). No que tange o conceito de ética e moral, Garcia-Roza entende que ambos dizem respeito a ações e valores, apesar de ainda serem utilizados sem o estabelecimento de diferenças:

etimologicamente, “ética” deriva do grego *éthike* que por sua vez deriva de *éthos*, que significava caráter, hábito, modo de vida; enquanto que “moral” deriva do latim *moralis*, palavra criada por Cícero (século I aC) para traduzir *éthike* e que, como esta, referia-se aos costumes, ao conjunto de regras de conduta. Ambos os termos, na sua origem, dizem respeito aos costumes, suas regras e à atitude do indivíduo frente a elas (1996, p. 19, grifos do autor).

O autor ainda complementa, alegando que “a idéia de se reservar o termo *moral* para designar o conjunto de regras para a conduta pessoal, mantendo assim um caráter privado, particular e empírico, por oposição à *ética*, que se caracteriza por uma ciência cujo objeto seria o juízo de apreciação sobre o bem e o mal [...]” (GARCIA-ROZA, p. 20, grifos do autor), não é unânime. E sobre a separação desses dois campos, o autor revela, em nota de rodapé, que “Hegel propõe que o termo moral seja reservado para designar a intenção subjetiva (*Moralität*), enquanto que ética diria mais respeito aos costumes (*Sittlichkeit*)” (Ibid., p. 20, grifos do autor).

É nessa direção que Freud parece se movimentar, porque para ele, a questão da constituição da consciência moral, que é da ordem, subjetiva, exige a introdução do sujeito no mundo objetivo da cultura:

o desenvolvimento ético do sujeito está vinculado à passagem pelo complexo de Édipo, quando a criança experimenta, assim como o homem

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

primevo pode ter experimentado, uma série de sentimentos ambivalentes, fundamentais para a organização de seu ego e para a formação do superego. Contudo, vimos que, em muitos casos, a restrição pulsional (importante para a formação da consciência moral) leva à formação da neurose, ora porque o indivíduo não é capaz de encontrar uma satisfação substitutiva, ora porque essa satisfação, devido a mudanças da realidade ou da economia pulsional, deixa de prestar seu papel, resultando num sintoma neurótico (JUNQUEIRA, 2006, p. 68).

Perante tal constatação, Camila Junqueira lança a seguinte questão: “como seria o aparelho psíquico do homem primevo?” (JUNQUEIRA, p. 67). Baseada nesta análise freudiana, ela mesma responde:

[...] é como o de um bebê, o superego ainda não está formado e o ego se apresenta de forma ainda muito débil. Assim como o homem primevo, no âmbito da civilização, o bebê, no individual, deve atingir um grau de organização que dê conta das pulsões sexuais e agressivas que não podem se satisfazer por impedimentos da realidade. Para Freud, a gênese da ética no indivíduo se superpõe à da ética na civilização [...]. (JUNQUEIRA, 2006, p. 67-68).

Assim entendido, em contextos educacionais, Nadja Hermann, vai justamente alegar que a ética [...] se instaura no espaço dessa ambigüidade, reconhecendo, por um lado, a fragilidade do humano com suas paixões, e, por outro, a tentativa permanente de construir normas que regulem a convivência humana para além da particularidade. [...] A força desse influxo, transformado posteriormente sob diferentes contextos históricos e culturais e, sobretudo, pela tradição moderna, presentifica-se na permanente exigência ética da educação, isto é, na necessidade de fazer aqueles que se educam se compreenderem como membros de uma comunidade. [...] Entre ética e educação se estabelece uma relação originária, em cujo desenvolvimento não apenas se evidencia a permanente exigência ética, mas também os diferentes modos como a educação pode ser justificada e articulada como uma idéia de bem (2001, p. 11-12).

Como a educação não pode ser concebida fora de uma comunidade, ela pressupõe a aceitação de certos princípios morais, os quais configuram, segundo Hermann, o fundamento que justifica “[...] a ação que pretende transformar o ser humano naquilo que deveria ser [...]” (HERMANN, p. 20). A educação, assim, deve sempre considerar o humano enquanto um ser constituído pela cultura e, também, subjetivado nela. Isso porque “as proposições éticas, por mais que se proponham a ter um valor de universalidade, nunca são simplesmente normativas, uma vez que não existe nenhuma função isolada na linguagem que faça um fragmento de discurso ter um valor normativo” (BRAZIL, 1996, p. 14-15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como todo processo compreensivo, o percurso investigativo realizado até aqui, não poderia ser

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

concluído com exatidão. As possibilidades de interpretação e entendimento são inúmeras, pois como o ser humano, os conceitos de ética, educação, moralidade, eticidade, não podem ser encerrados numa definição, mas merecem sempre novas reflexões, permanecendo abertos a novas pesquisas. Entendemos que Freud considera tais conceitos como sendo os mesmos definidos pela filosofia, mas inova trazendo que mediante a civilização e a organização do aparelho psíquico nos indivíduos - colocados como origem mesma da neurose e da civilização pelo mito da Horda Primeva - é que lhes foi possível, aos sujeitos, dar destinos para as pulsões, e renunciar àquelas individuais em detrimento às coletivas: a organização posta pelo supereu da cultura.

Compreendemos então, devido aos inúmeros modos de subjetivação, que faz com que cada um seja uma singularidade, torna-se difícil eleger uma regra definitiva e universal que diga o modo como todos devem pensar, ser e agir em sociedade. Mas há que se pensar modos possíveis de articular estas subjetividades para que seja possível conviver e, nesse sentido, é que o vínculo entre ética e educação emerge como algo que precisa sempre ser revisto, pensado em sua pluralidade, como nos revela Hermann, em um contexto de não limitar, mas de aceitar as multiplicidades que dela derivam.

Palavras-chave: formação; valores; reflexão; psicologia; filosofia.

Keywords: formation; values; reflection; psychology; philosophy.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UNIUI pela concessão da Bolsa de Pesquisa, à nossa orientadora, Dra. Vânia Lisa Fischer Cossetin, pelo tempo e atenção dedicados.

REFERÊNCIAS

BRAZIL, Horus Vital. Introdução a uma ética de reconhecimento e renúncia. In: FRANÇA, Maria Inês (Org.). **Ética, psicanálise e sua transmissão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. Vários autores. p. 9-17.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. **Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122.

_____. Totem e Tabu (1912-1913) algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. In: _____. **Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução Paulo César de Souza, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 13-244.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Ética e Política em Psicanálise. In: FRANÇA, Maria Inês (Org.). **Ética, psicanálise e sua transmissão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. Vários autores. p. 19-33.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

HERMANN, Nadja. **Pluralidade e ética em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. [o que você precisa saber sobre...]. 152p.

JUNQUEIRA, Camila. **Ética e Consciência Moral na Psicanálise**. São Paulo: Via Lettera: Fapesp, 2006. 176p.